

# O uso perdulário da água e o seu custo social

**PROF. CLAUD GOELLNER**

Presidente dos comitês de gerenciamento das bacias hidrográficas do Rio Passo Fundo e do Alto Jacuí

Qual é o custo da água gratuita que os setores produtivos e todos nós utilizamos no dia a dia? Quanto custa para a sociedade a gratuidade do uso deste recurso natural que muitos entendem como infinito? Toda a vida consideramos a água como algo inesgotável, sendo que atualmente a situação é extremamente preocupante – a água que sempre serviu como base para a produção de alimentos, para a sobrevivência humana e como insumo básico para vários setores produtivos é cada vez mais escassa e tem a sua qualidade comprometida. Por conta disto, ou nos damos conta que os recursos hídricos tem que serem utilizados com racionalidade e eficiência, ou todos pagaremos, em muito breve, um elevado tributo ao descaso e a irresponsabilidade.

Mesmo o Brasil que detém cerca de 13% das reservas mundiais de água doce, já apresenta inúmeras regiões com sérios conflitos pelo uso dos recursos hídricos. A falsa concepção de abundância hídrica criou a cultura do desperdício. A agricultura é o maior usuário da água no Brasil e as perdas médias por ineficiência podem chegar a mais de 50%. A água captada para utilização nas indústrias brasileiras equivale a cerca de 18% do volume total captado para os usos consultivos, existindo perdas operacionais entre os volumes derivados dos mananciais e efetivamente utilizados pelas unidades de produção de ordem de 11% e a geração de efluentes é da ordem de 86%, sem programas de minimização e/ou de reuso.

O abastecimento de água no Brasil cobre 89% da população, sendo que o atendimento com rede de água varia de região para região. Quanto ao desperdício neste setor, o nosso País ostenta elevados valores de perda de água. Os índices médios de perda no sistema de captação e distribuição chegam a mais de 45%. O índice de atendimento com coleta de esgotos é de 54%, sendo que a maior parte dos municípios brasileiros apresenta índices muito abaixo desta média. O índice de tratamento potencial dos esgotos sanitários é de 20%, sendo que no Rio Grande do Sul é de 8%. Esta associação entre o consumo irracional de água e a falta de investimentos em saneamento básico é extremamente prejudicial, gerando passivos ambientais, onde corpos d'água que no passado eram vivos e produtivos, hoje não passam de verdadeiras cloacas em céu aberto.

Sem a conscientização e a responsabilidade da sociedade e sem o devido controle das autoridades, a cultura do descaso e do desperdício segue exaurindo a já escassa água de nossos rios. A chamada cultura da água gratuita é outro grande problema. Nenhum bem, se for escasso, pode ser considerado gratuito. Se um usuário não paga por um bem que utiliza, o restante da sociedade o está subsidiando. Portanto se o agricultor ou a indústria não pagarem pela água que estão utilizando com ineficiência, será a sociedade que arcará com tal prejuízo. Além do mais, sabe-se que o uso de "bens gratuitos" é sabidamente perdulário (abusivo).

Na conta dos municípios que não tratam os seus esgotos e destroem com um rio, se faz uma enorme economia em seus gastos. No entanto, logo mais adiante, a conta das obras para importar água e suprir a demanda que o "rio morto" já não consegue mais cobrir será paga com dinheiro da população, assim como a conta salgada da recuperação deste passivo ambiental. São recursos desviados da aplicação em saúde, segurança, educação, habitação, cultura, agricultura e geração de renda e emprego.

Um rio morto dissemina doenças e os gastos com elas são cinco vezes maiores do que o investimento em saneamento. Trata-se da visão burra e limitada da privatização dos lucros e sociabilização dos prejuízos. Pode não ser fácil aceitar que temos que pagar pela água que usamos, mas é muito fácil perceber e sentir os custos que este uso perdulário irá causar a todo mundo. Portanto, trata-se de pagar agora, para não correr o risco de pagar muito mais pela falta de água e pelos impactos que a mesma irá causar na saúde, disponibilidade de alimentos, na geração de renda e emprego, bem como na qualidade de vida.